

cabeça masculina muito erodida mas onde ainda se percebe uma madeixa de cabelo no lado direito (p. 51).

Merecem destaque, pela qualidade pedagógica e esclarecedora da informação que ao leitor é aqui facultada, as pp. 52-53, apresentando «la transformaci3n del pasado» que a coleç3o catal3a pode proporcionar: às imagens de tradicional iconografia egípcia de bem conhecidas divindades fazem-se corresponder, em imagens paralelas, as novas propostas greco-romanas habitualmente presentes neste tipo de conjuntos. É o que se pode ver com as representações de divindades como Osíris, Ísis, Bés, Harpócrates, que foram alvo de intenso culto na Época Greco-romana, além das figuras esfíngicas e do boi Ápis.

Embora este interessante acervo de terracotas do Museu Egípcio de Barcelona não seja numeroso, ele tem o mérito de, juntando-se a outros idênticos conjuntos de outros museus espanhóis, públicos e privados, contribuir para aumentar o total de peças egípcias do país vizinho, vindo a dar um apreciável número de exemplares da Época Greco-romana feitos de terracota. Um facto porém chama a nossa atenç3o: é que tanto no acervo catal3o estudado por Esther Pons Mellado como noutros que acima foram referidos desconhece-se o contexto arqueol3gico da sua descoberta, o que também se passa com os seus congéneres existentes em coleç3es portuguesas.

Luís Manuel de Araújo

Hapi, 1, Lisboa: Associação Cultural de Amizade Portugal-Egipto, 2013, 158 pp. ISBN: 978-972-592-399-3

Foi lançado recentemente o primeiro número da revista *Hapi*, editada pela Associação Cultural de Amizade Portugal-Egipto, que viu em boa hora a luz do dia com o apoio de várias entidades, sendo justo aqui destacar a Fundação Calouste Gulbenkian (na altura presidida pelo Dr. Emílio Rui Vilar) e a Fomentinvest (com o empenhamento pessoal do seu presidente, Eng. Ângelo Correia), aos quais se juntam os contributos da APOR (Associação Portuguesa de Orientalismo) e do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A avaliar por este número inicial, o seu diretor Telo Ferreira Canhão, que é vice-presidente da direç3o da Associação Cultural de Amizade Portugal-Egipto, irá continuar a beneficiar da eficácia do secretariado, composto por Maria José de Albuquerque e Alexandra Diez de Oliveira (que também fazem parte da direç3o da ACAPE), e do conselho de redaç3o, que ele integra juntamente com os egiptólogos Luís Manuel de

Araújo, José das Candeias Sales e Rogério Sousa. Existe ainda um conselho consultivo, integrado por diversas personalidades. Quanto ao aspeto gráfico da revista, de grande qualidade, esteve a cargo do *designer* Paulo Emiliano, que é também membro da direção da ACAPE.

No editorial (pp. 5-11) Telo Ferreira Canhão, diretor desta nova revista de temática egípcia (e não apenas faraónica), sublinha, numa expressiva síntese, a origem de *Hapi*, evocando depois o deus Hapi que dá nome à revista, enfatizando as virtualidades benfazejas desta divindade nilótica da inundação anual, que merece uma especial homenagem: a inclusão de um hino a Hapi, o Verdejante, preservado num papiro ramsésida redigido em hierático (*Papiro Chester Beatty V*). Há ainda espaço para um merecido agradecimento às entidades que apoiaram a edição, já no início referidas, e ao Dr. António Carvalho, diretor do Museu Nacional de Arqueologia, espaço onde a ACAPE tem feito muitas das suas sessões culturais.

O primeiro artigo, intitulado «O Egito contemporâneo: tendências e raízes» (pp. 12-26), é assinado por Ahmed Zaki, médico de origem egípcia que reside há vários anos em Portugal e que vem acompanhando muito de perto os acontecimentos que têm ocorrido no Egito desde a revolução iniciada em janeiro de 2011. O autor começa por contextualizar a eclosão e o rápido desenvolvimento das ações que levaram à demissão do presidente Hosni Mubarak, seguindo-se a transição assegurada pelo Conselho Superior das Forças Armadas que veio a culminar nas eleições vencidas pela Irmandade Muçulmana, a única formação política organizada no país naquela altura.

Os quatro textos seguintes, já de temática faraónica, correspondem, no essencial, às intervenções que os seus autores fizeram durante um curso livre sobre «A Vida no Antigo Egito», organizado pelo Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, do qual fazem parte como investigadores, e que decorreu em maio de 2013, como atesta uma reprodução do cartaz que divulgou o evento (p. 4).

«Viver no campo» (pp. 28-55) é o título do artigo de Telo Ferreira Canhão, que se inicia com um ponto introdutório apresentando o Egito como um país agrícola e como «um dom do Nilo», esmiuçando as fontes das condições de trabalho dos camponeses, que passavam a vida a lavar, a semear e a colher, utilizando os canais e sistemas de rega. Trata ainda da criação de gado, o armazenamento de alimentos, os salários, impostos e corveias. a habitação e as doenças que então afligiam os Egípcios.

José das Candeias Sales, docente e pró-reitor na Universidade Aberta, é o autor do artigo «Viver na cidade» (pp. 56-85), onde o leitor apreende o conceito, a evolução e tipologias de «cidade», apresentando-se como exemplos de «cidades» planeadas Kahun, Amarna e Deir el-Medina. Seguem-se

as atividades e os ofícios «urbanos», rematando com a prostituição então existente na altura nos aglomerados urbanos.

Luís Manuel de Araújo recorda com o seu texto o que era então «Viver no templo» (pp. 86-111), desde os primeiros santuários pré-dinásticos e proto-dinásticos, evocando a tradicional iconografia templária, a organização espacial do templo, os servidores do templo e as tarefas de âmbito litúrgico e administrativo que lá tinham lugar.

Finalmente, José Varandas, subdiretor do Centro de História e um reconhecido especialista em história militar da Antiguidade, participou com o tema «Viver no exército» (pp. 112- 141), desde as origens das forças militares no antigo Egito, até à estrutura em uso no Império Novo, tempo dos grandes confrontos com os inimigos da Núbia e do Corredor sírio-palestino.

As recensões ocupam as pp. 143-156 e foram redigidas por Luís Manuel de Araújo, Rogério Sousa e Telo Ferreira Canhão, seguindo-se as normas editoriais (pp. 157-158).

Como no editorial ficou registado, estão previstos seis/sete artigos por revista, dois ou três dedicados ao Egito contemporâneo e a outros períodos da longa história do país do Nilo (islâmico, otomano, ou pós-independência, seja reino ou república) ou sensibilidades religiosas (sunitas, coptas, ortodoxas...), e quatro ou cinco artigos consagrados ao Egito faraónico (incluindo a dinastia ptolemaica e o domínio romano imperial). E, para começar, os cinco artigos que se incluem neste primeiro número de *Hapi* (cuja capa mostra um barco nilótico de madeira exposto no Museu Nacional de Arqueologia), auguram um frutuoso e brilhante caminho a esta nova revista, à qual auguramos um exitoso e merecido futuro.

Luís Manuel de Araújo

A. SHAPUR SHAHBAZI, *The Authoritative Guide to Persepolis*, Teerão: Safiran Publishing Co., 2011, 240 páginas, profusamente ilustrado, ISBN 978-964-91960-5-6

São escassos no nosso país os livros que tratam da civilização persa, em especial da Pérsia Aqueménida, e essa lacuna sente-se de forma mais premente no âmbito da arte que os antigos Persas nos legaram, a qual tem um dos seus mais expressivos testemunhos nas ruínas da área palatina de Persépolis – e este é precisamente o tema da obra de A. Shapur Shahbazi que aqui apreciamos, dedicada a esse local inseparável da história persa, e que, naturalmente e legitimamente, é hoje Património Mundial.